

Documentos Históricos do Movimento Autogestionário

CARTA DO MOVIMENTO AUTOGESTIONÁRIO AO COLETIVO X¹

Movimento Autogestionário

Tendo em vista os debates que aconteceram até o presente momento entre Coletivo X e o Movaut, fundamentalmente questões colocadas na “Carta de Princípios” enviada pelo Coletivo X ao Movaut no dia 06 de novembro de 2008, as quais foram debatidas pela lista de discussão, com respostas individuais de membros do Movaut (...), respostas que não foram bem aceitas pelo Coletivo X por se tratar de respostas individuais e não do coletivo como um todo. A má acolhida ficou bem clara na segunda carta enviada pelo Coletivo X no dia 18 de dezembro de 2008, quando colocaram o seguinte: “*Continuamos aguardando a resposta coletiva do Movaut sobre a nossa carta de 06/11, oportunidade em que, após recebê-la, daremos seguimento à discussão nos manifestando sobre o conteúdo*”. Além desta passagem da carta, uma integrante do Coletivo X expressou através de um e-mail a sua concordância da necessidade de uma resposta coletiva do Movaut. Para nós, as respostas que militantes do Movaut emitiram expressam a concepção do próprio coletivo. Mesmo que não expressassem, cada indivíduo teria a liberdade para fazer uso da lista e manifestar seus pontos de vista.

(...)

De qualquer forma, devido à necessidade de esclarecimento de alguns pontos que ainda continuam em desacordo entre Movaut e Coletivo X, o Movaut elaborou esta carta como forma de continuar o debate na busca de acordo a questões fundamentais que possam estabelecer uma concordância entre ambos a respeito de questões

¹ Esta carta foi enviada pelo Movimento Autogestionário a um Coletivo no ano de 2009. Tratava-se, naquela ocasião, de tentar uma aproximação entre as duas organizações, seja para se fundir os dois coletivos, seja para fazer atividades conjuntas etc. Este debate estendeu-se longamente, tendo ocorrido duas reuniões presenciais: uma em Goiânia e outra na cidade na qual o Coletivo tinha militantes. Tal debate resultou em quase duzentas páginas escritas, tanto de textos individuais de militantes, quanto textos coletivos, assinados por cada uma das organizações. O debate, por ser de caráter interno e citar vários nomes de militantes, não será por nós publicado na íntegra. Nos restringiremos a publicar esta carta coletiva escrita pelo Movaut e endereçada a este Coletivo pelo fato de ela tocar em questões teóricas, políticas e organizativas de importância. Como a organização com quem debatíamos veio a se desfazer, não utilizaremos aqui seu nome verdadeiro. Substituiremos o nome da organização por Coletivo X.

essenciais que possibilitem a luta comum dos coletivos junto à luta do proletariado pela efetivação da Autogestão Social. (...) De forma objetiva, discutiremos: 1) o que o Movaut entende por burocracia; 2) Como concebemos a organização revolucionária; 3) qual a nossa concepção a respeito da relação entre classe/organização revolucionária.

O que o Movaut entende por burocracia?

Entendemos que burocracia é uma classe social existente no capitalismo, a qual auxilia a burguesia na exploração do proletariado. Esta possui valores, concepções etc. que divergem totalmente do proletariado. No capitalismo, as organizações burocráticas se tornam fundamentais para a manutenção das relações sociais capitalistas. Essas organizações são compostas por indivíduos que se organizam tendo como referência o controle dos patrões sobre os trabalhadores. Desta forma, a maior parte das organizações existentes no capitalismo serão caracterizadas pela cisão entre concepção e execução do processo de trabalho. Dentro das fábricas, isto significa que as classes dominantes, através de seus quadros de administradores ou mesmo na pessoa do próprio capitalista concebem e organizam a produção ao passo que aos trabalhadores resta somente acatar e executar as decisões tomadas por outros.

A base fundamental sobre a qual se sustenta é naturalmente o processo de produção, a relação-capital. Entretanto, ela se estende a todos os espaços da sociedade. O local onde a classe burocrática é mais poderosa é sem sombra de dúvidas o estado, que com seus cargos permanentes (quadros fixos do estado, judiciário etc.), bem como os variáveis (governos) configuram uma poderosa classe que tem como substrato de existência a instituição a qual faz funcionar. Mas além do estado, outras instituições também produzem suas burocracias (empresas privadas, igrejas, partidos, sindicatos etc.). A classe burocrática não é homogênea, tem em seu interior estratos, que pelo rendimento, modo de vida, valores etc. ora se aproximam da burguesia, ora do proletariado. É justamente os estratos inferiores da burocracia que criam as ideologias partidárias e sindicais ditas de “esquerda”

A burocracia, por sua vez, possui interesses próprios e seu objetivo é a dominação, o controle e o privilégio de sua classe em detrimento de outras. Neste caso, seus interesses divergem em todos os sentidos do proletariado cujo interesse de classe é a autogestão social, o não controle, a não dominação, o fim da representação política compulsória, enfim, a libertação de todos os indivíduos explorados e oprimidos nesta sociedade, o fim da sociedade de classes. Nesse sentido, a burocracia e as expressões burocráticas devem ser combatidas da mesma forma que é combatida a burguesia. Ainda nesta linha de raciocínio, é necessário acrescentar, que as grandes revoluções do século 20 deixaram um precioso legado para a avaliação do sentido contrarrevolucionário da burocracia. Classicamente, a preocupação girava em torno da contrarrevolução burguesa, que, com suas forças militares, poder econômico etc., esmagou por inúmeras vezes o proletariado quando este se colocava enquanto classe para si. As experiências revolucionárias do século 20 colocaram mais um elemento na questão, a contrarrevolução burocrática. A ação da Socialdemocracia e do Bolchevismo são os exemplos mais claros no que diz respeito a este aspecto. *Deste modo, uma contribuição importante dos indivíduos e organizações revolucionárias é denunciar os perigos das contrarrevoluções burguesa e burocrática.*

A clareza neste ponto é de fundamental importância por que uma vez que a burocracia tem como determinação fundamental a representação, a dominação, isso pressupõe dizer que, determinados movimentos sociais utilizando de meios burocráticos para sua própria organização, só conseguem, em seu interior, reproduzir a burocracia, tornando-se assim, seus dirigentes, membros de uma classe que é oposta ao proletariado. Então, não se trata de uma mera concepção teórica. Conceber a burocracia como classe real e concreta do capitalismo e uma classe que contribui para a manutenção da exploração do proletariado, pressupõe a sua negação e a negação de todo e qualquer meio burocrático na organização de movimentos que intencionam a efetivação de uma sociedade autogerida.

Com relação à posição do Coletivo X dois pontos chamam a atenção no que se refere à questão da burocracia: 1) a ideia de que as organizações burocráticas apresentam limites; 2) “crítica do leninismo”.

Com relação ao primeiro ponto, o Coletivo X afirma no tópico dois de sua Carta de Princípios:

(...) apesar de sabermos que não serão as organizações burocráticas que levarão ao comunismo, o proletariado não nasce sabendo como elas são e, portanto, em alguns momentos, precisa passar por um processo pedagógico de conhecimento dos limites da burocracia; seja ela através do sindicato ou do parlamento (Coletivo X).

É necessário nos determos nestas considerações. Em primeiro lugar, as organizações burocráticas não apresentam limites². As organizações burocráticas são o *locus* no qual a burocracia enquanto classe social se reproduz. Assim, um partido de “esquerda”, um sindicato de “esquerda” etc. não apresentam limites de qualquer natureza. Um sindicato é aquilo que foi criado para ser: um sindicato; um partido é aquilo que foi criado para ser: um partido. O que é necessário discutir é quais são as funções, os papéis, as atribuições, as práticas políticas etc. de cada uma destas organizações. Agindo desta maneira, partimos do pressuposto segundo o qual tais organizações cumprem determinadas funções que em nosso entender são contrarrevolucionárias. Isto é bem diferente de dizer que os sindicatos ou os partidos apresentem limites no que diz respeito ao processo revolucionário. Não é espaço aqui para analisarmos aprofundadamente esta questão, pois já há uma extensa bibliografia sobre o assunto, da qual os textos dos autores conselhistas são o melhor exemplo, bem como as publicações do Movaut e de seus militantes.

Outro aspecto a se considerar sobre esta questão é o fato de o Coletivo X considerar que a participação em organizações burocráticas é um elemento pedagógico no sentido de esclarecimento do que realmente são estas organizações. A prática histórica demonstra justamente o contrário. Os trabalhadores quando se tornam burocratas, deixam de ter valores, perspectivas, concepções concernentes à sua classe de origem, posto que ao ocupar cargos no sindicato, deixa de ser operário e passa a ser burocrata. Como afirmou o sociólogo conservador Robert King Merton em artigo

² “Limites” aqui quer dizer limitações no que se refere à luta revolucionária, ou seja, de que as organizações burocráticas apresentam determinados limites que impedem o avanço do proletariado à revolução social.

intitulado: “*Estrutura Burocrática e Personalidade*”³, a organização burocrática exige do indivíduo que nela atua uma mentalidade e forma de agir e pensar burocráticos. Desta maneira, é impossível ser revolucionário atuando como burocrata.

De qualquer maneira, historicamente, nos momentos de ascensão da luta dos trabalhadores o que se verificou foi justamente o contrário do que o Coletivo X afirma. Os trabalhadores não caminham para os sindicatos, mas sim contra eles. Também os sindicatos não querem que os trabalhadores caminhem independentemente deles, posto que a função do burocrata é dirigir, controlar. Quando os operários criam suas próprias organizações e estas prescindem a direção do sindicato, estes se opõem e da mesma forma, os trabalhadores e suas organizações se opõem aos sindicatos. Como se vê, não há, nem do ponto de vista teórico, nem do ponto de vista da experiência histórica nada que vá na direção do que o Coletivo X afirma. Por isto, o Movaut se opõe terminantemente a qualquer forma de participação em organizações burocráticas, posto que não vemos limites nestas organizações, mas sim o seu *ser-de-classe*, que é por sua vez contrário ao do proletariado. Mais um aspecto se depreende desta concepção do Coletivo X, o reboquismo, voltaremos a ela mais à frente.

Com relação ao segundo ponto, o tópico seis da carta de princípios do Coletivo X, intitulado: “*Crítica do Leninismo*” é algo que corrobora com a permanência da ideologia da burocracia criada na União Soviética e da qual Lênin foi um dos principais arquitetos. Criar um Lênin teórico (leninismo) e um Lênin prático (bolchevismo) é o mesmo que querer começar a construir uma casa pelo telhado, ou seja, sem alicerce. O alicerce de toda e qualquer ideologia é sua base social, a classe social que é seu principal agente, enfim, os indivíduos histórica e concretamente determinados que as produzem. Deste modo, para criar uma metáfora topológica, diríamos que o bolchevismo é o alicerce e as paredes sobre as quais se coloca o telhado (o leninismo). De maneira grosseira, o que queremos dizer é que não se pode habitar numa casa que só tenha telhado ou que só tenha paredes. Leninismo e bolchevismo formam um todo orgânico. A história do

³MERTON, R. K. *Estrutura burocrática e personalidade*. In: CAMPOS, Edmundo Campos. *Sociologia da Burocracia*: Zahar Editores, 1976.

bolchevismo é a história da burocracia soviética. O leninismo é a ideologia que justifica a existência de tal burocracia. Assim, aproximar-se das interpretações leninistas, é aproximar-se das práticas bolcheviques, que são essencialmente burocráticas.

Não é o caso aqui de fazer uma apurada crítica desta concepção, pois os fundamentos filosóficos do leninismo já foram denunciados há quase um século por Pannekoek e Korsch. Também as críticas à prática bolchevique são recheadas de exemplos (Alexandra Kolontai, Maurice Brinton, Herman Gorter, Amadeu Bordiga, Pannekoek, Korsch etc.), também os textos do Movaut e de seus militantes são bem ilustrativos. Defender o leninismo ou defender o bolchevismo ou ambos, ou criar subterfúgios para salvá-los é uma defesa subreptícia da burocracia.

Enfim, o Movaut considera a burocracia como uma classe social existente no capitalismo que é auxiliar da burguesia na exploração do proletariado. Esta possui interesses, valores, concepções, ideologias que divergem totalmente do proletariado. *Sendo contrarrevolucionária, a burocracia e suas organizações, bem como suas ideologias devem, portanto, ser combatidas.*

Como concebemos a organização revolucionária?

O Movaut concebe a organização revolucionária como uma organização que almeja essencialmente a transformação social, o fim do capitalismo e em seu lugar a sociedade fundamentada na Autogestão Social. A única possibilidade para se alcançar tal sociedade é através da luta do proletariado contra a burguesia e a burocracia. Nesse sentido, os trabalhadores extinguirão as relações sociais estabelecidas no capitalismo e instituirão relações sociais estabelecidas em parâmetros igualitários, onde os próprios trabalhadores irão gerir seu próprio trabalho.

Sendo o proletariado a classe que instituirá a autogestão social, cabe então, às organizações revolucionárias, contribuir com o proletariado para acelerar o processo de transformação social, travando uma luta cultural contra a burguesia e suas classes auxiliares. Isso é necessário uma vez que estando o proletariado submetido à exploração e dedicando seu tempo na luta prática contra a burguesia, o que ocorre nos locais de

trabalho e moradia, a maioria dos indivíduos proletários se encontra em dificuldade de dedicar intelectualmente à produção teórica que combata a burguesia. E isso se dá por diversos motivos, principalmente pela existência do trabalho alienado, que leva ao desgaste físico, e o cansaço que o impede de se exercitar intelectualmente. Naturalmente que alguns indivíduos conseguem superar estas dificuldades e também atuam intensamente na luta cultural. Então, havendo estas dificuldades do proletariado em se dedicar à produção cultural, estaria a burguesia dominando o proletariado em todas as instâncias da sociedade e criando cada vez mais dificuldades para a transformação social.

Nesse sentido, as organizações revolucionárias têm o papel de contribuir com o proletariado na luta contra a burguesia, através da luta cultural. Assim, o processo revolucionário de transformação social poderá ocorrer de forma mais rápida, uma vez que muitas questões e aspectos desta sociedade já haviam sido combatidos pelas organizações revolucionárias. Conjuntamente com a luta cultural, dependendo das condições do coletivo, da quantidade de pessoas, da disponibilidade dos militantes etc. o coletivo pode e deve realizar atividades diretas junto à classe trabalhadora, seja através de panfletos, cursos de formação, palestras, atuação em movimentos sociais e organizações não-burocráticas etc.

Mas, como uma organização revolucionária deve se organizar? Sendo o objetivo da organização revolucionária a Autogestão Social, então, a autogestão deve perpassar a própria organização, ou seja, tentar se organizar tendo como referência a autogestão. Isso pressupõe a autogestão de cada integrante da organização, inclusive na sua formação teórico-revolucionária, o que poderá ocorrer dentro da própria organização, através de debates de textos, participação e organização das atividades do coletivo etc., e também fora, quando cada militante produzirá pessoalmente reflexões acerca da sociedade atual numa perspectiva revolucionária, ou buscará se preparar intelectualmente para combater a burguesia, bem como suas classes auxiliares, o que pressupõe uma formação revolucionária.

Por outro lado, os indivíduos que compõe a organização revolucionária devem estar atentos à própria forma como se organizam. A burocratização deve ser abolida e devem se organizar tendo em vista a autogestão, sendo, portanto, coerentes com os fins

que desejam alcançar. Naturalmente que dificuldades irão se apresentar na efetivação deste princípio, posto que os indivíduos revolucionários formam com a sociedade na qual vivem uma totalidade inextrincável. Trazemos de nossa história de vida, de nosso histórico em participação em organizações burocráticas (escolas, universidades, empresas privadas etc.) uma determinada concepção de organização, a burocrática. Entretanto, o acesso a teorias, discussões, a determinação e compreensão dos fins da luta (Autogestão Social) e o entendimento de que fins e meios devem ser uma totalidade, os indivíduos começam a se abrir para novas formas de conceber a organização.

É aí que as práticas autogestionárias internas ao movimento devem ser uma constante dentro da organização. Sendo a sociedade capitalista fundada na burocratização e mercantilização das relações sociais, o grupamento revolucionário deve se esforçar ao máximo para combater tais relações internamente. A burocratização, como já dissemos, caracteriza-se essencialmente pela divisão entre dirigentes e dirigidos. Quanto mais uma organização burocrática cresce em número de pessoas, quantidade de recursos etc. mais esta distinção se confirma. Por outro lado, quando a organização ainda é pequena, esta cisão pode à primeira vista não se apresentar claramente e é justamente aí que reside o perigo. Enquanto em um partido ou um sindicato já constituídos esta cisão se apresenta de maneira cristalina, em organizações “clandestinas”, pequenas, desde que se sustentando em princípios burocráticos, ela é mais ou menos ofuscada.

Vemos um princípio burocrático nos modos de organização do Coletivo X, expresso textualmente na sua Carta de Princípios no tópico cinco: “*Distinções Existem ou são Criadas?*”. Nesta seção, o Coletivo X apresenta a ideia de que existem “*níveis de consciência*” e que o coletivo deve atentar-se para este fato. Os níveis de consciência, para o Coletivo X, embora a definição deste conceito não apareça claramente no texto, é o acesso que um indivíduo tem ou não tem a determinados textos, autores, enfim, do saber teórico de cunho revolucionário. Quanto mais sabe determinado indivíduo, maior o “*nível de consciência*” dele. Assim, para o Coletivo X, somente aqueles que já dispõem de certo “*nível de consciência*” podem participar da organização revolucionária, enquanto aqueles que ainda não dispõem devem primeiramente se preparar, se aperfeiçoar para somente assim poderem entrar no coletivo. O Coletivo X considera ainda que agir

contrariamente a isto é desrespeitar aqueles que tem níveis de consciência inferiores, na medida em que só terão uma participação ilusória dentro da organização, posto que, se seu nível de consciência é inferior ao dos outros militantes, ele não terá condições de se posicionar, agir etc. tal como os demais.

Nesta mesma lógica, o Coletivo X afirma:

As diferenças existem nos mais variados âmbitos da nossa existência. Consideramos um grande desrespeito tratar o desigual como igual e respeitamos a máxima do Marx: “a cada um conforme sua necessidade, de cada um conforme sua possibilidade”. Portanto, o problema não está em reconhecer as diferenças, o problema está em hierarquizá-las. Fingir que elas não existem – negar a realidade – não pode ser a base sobre a qual pretendemos construir o novo (Coletivo X).

Um primeiro aspecto refere-se à citação da obra de Marx que aparece descontextualizada, posto que, na *Crítica ao Programa de Gotha*, de onde a citação é extraída, Marx está se referindo ao princípio de produção e distribuição dos bens materiais na sociedade comunista, e não a uma lei geral, universal, a-histórica que possa ser aplicada em qualquer lugar ou situação. Da maneira como está, a citação serve unicamente como um “argumento de autoridade”, pois, se até Marx disse isto, quem é o Movaut para dizer o contrário?

As diferenças sociais existem porque foram criadas. Partindo do método dialético, não existem diferenças sociais “naturais”, pois são sociais, logo, criação social. Portanto, as diferenças sociais existem e foram criadas. A grande questão é que, partindo da perspectiva do proletariado, é preciso não só ter consciência de seu caráter histórico e social, ligado à totalidade da sociedade capitalista que produz tais diferenças, inclusive de consciência, deve ser também combatido. Ou seja, a grande questão é como se posicionar diante destas diferenças produzidas social e historicamente e que serve para reproduzir o próprio capitalismo. As diferenças de classes também existem e foram criadas e a ideia contida no marxismo autêntico é que é necessário sua abolição. Marx não produziu uma concepção fetichista, pois se tivesse feito, diria que como existe diferença entre capitalistas e operários, então elas deveriam continuar existindo, naturalizando algo que é histórico e social. O que Marx propôs foi justamente o contrário: os operários se auto-organizarem e abolirem essa diferença social. E colaborou com isso

através da negação teórica. Então, o que cabe a todo revolucionário fazer é: perceber a existências das diferenças sociais e seu caráter histórico e social, bem como o seu papel de colaborar com a reprodução do capitalismo e, ao mesmo tempo, realizar sua crítica teórica e prática, a primeira através da produção e divulgação cultural e a segunda através da luta cotidiana individual e coletiva – e no coletivo.

No caso da diferença de “consciência”, trata-se, no interior do coletivo, entender que ela é um produto social e histórico que serve para a reprodução do capitalismo e que, portanto, não deve reforçar ou produzir outras diferenças – por exemplo, entre dirigentes e dirigidos, já que uns possuem “consciência mais elevada”, ou entre “participantes” e “aspirantes”, etc. – e que cada indivíduo do coletivo e o coletivo como um todo deve buscar a crítica teórica e prática disso, bem como buscar, tanto o indivíduo quanto o coletivo, superar o máximo possível esta situação, embora, no interior do capitalismo, uma homogeneidade no coletivo seja pouco provável, já que alguns são intelectuais por profissão e assim seu tempo de dedicação ao trabalho intelectual é maior, etc., além de condições financeiras, prioridades e questões que atingem o indivíduo (problemas familiares, psíquicos, etc.), e o que interessa, no coletivo, é que os seus indivíduo tenham o maior desenvolvimento de sua consciência, mas que, para participar do coletivo, o que é necessário é ter concordância com as teses básicas do coletivo, o que significa uma determinada consciência, que poderá e esta é a tendência, se desenvolver com sua própria prática política e discussões coletivas, bem como iniciativas do coletivo especificamente para este fim (grupo de estudos, cursos, socialização de bibliografia, etc.). Em síntese, o fundamental é superar o fetichismo das diferenças e entender seu caráter histórico e social, e, no caso da consciência, o fato de não ser algo absoluto.

Afora esta questão, o que é essencial é o que está por detrás desta concepção do Coletivo X. Quando diz que o problema não está em reconhecer as diferenças, mas em hierarquizá-las, está sendo bastante contraditório, pois quem hierarquiza é o Coletivo X. Quando diz que o Movaut negligencia sua existência, fingido que elas não existem, está na verdade, querendo afirmar que os “diferentes”, ou seja, aqueles que tem níveis de consciência inferior, não podem participar da organização. O que é hierarquizar no final

das contas? Hierarquizar significa atribuir determinadas funções de acordo com os cargos ou posições dentro da organização. Assim, aquele que está em determinada posição dentro da organização deve cumprir suas funções já previamente estabelecidas.

Voltando ao que já dissemos anteriormente, e lembrando Robert Michels:

Quanto mais extenso e mais diversificado o aparato oficial da organização, quanto maior o número de seus membros, quanto mais cheio os seus cofres e mais ampla a circulação de sua imprensa, tanto menos eficiente se torna o controle direto pelos membros, tanto mais este controle é substituído pelo poder crescente das comissões (Michels, 1976, p. 102).⁴

Ou seja, quanto maior e mais consolidada a organização, mais claro se apresenta a sua burocratização. Assim, o princípio de distinção baseado nos “níveis de consciência” não é outra coisa senão uma forma burocrática de hierarquizar aqueles que podem e não podem participar do coletivo. E ela só não adquiriu formas mais drásticas dadas as proporções do Coletivo X. As proporções, por sua vez, não retiram o caráter burocrático do princípio, mas somente o escondem, o camuflam.

Desta maneira, não é o Movaut quem hierarquiza, mas o Coletivo X. O Movaut também não negligencia que os indivíduos têm formações diferentes, tendo uns maior aprofundamento teórico que outros. *Isto para o Movaut não é nenhum problema, na medida em que concebemos que a organização revolucionária deve contribuir, de acordo com suas possibilidades, com a formação política e teórica de seus militantes.* A formação teórica se torna uma necessidade para o militante na medida em que começa a querer compreender melhor as relações sociais e a luta de classes. Em outras palavras, a formação teórica pode e deve ser um resultado da militância revolucionária e não uma condição para esta.

Qual a concepção do Movaut a respeito da relação entre classe/organização revolucionária?

⁴ MITCHELS, Robert. A tendência burocrática dos partidos políticos. In: CAMPOS, Edmundo Campos. *Sociologia da Burocracia*: Zahar Editores, 1976.

As organizações revolucionárias são um produto da sociedade capitalista. Esta, com suas contradições, seus interesses antagônicos produz indivíduos e organizações que se opõem no campo político, cultural e econômico. O proletariado, ao longo de toda a história do capitalismo, criou ele próprio suas formas de resistir à brutal exploração dos capitalistas. O absentismo, as greves, as revoltas, as revoluções marcam a tempos e tempos a história do modo de produção capitalista. Isto se deve ao fato de os interesses dos capitalistas serem antagônicos aos interesses do proletariado. Este visa diminuir ao máximo sua jornada de trabalho e melhorar constantemente suas condições de vida e trabalho. Os capitalistas, pelo contrário, desejam a todo custo aumentar a produção de mais-valor, o que implica negar a liberdade e existência autêntica aos trabalhadores.

Esta luta, verdadeira guerra civil, ocorre cotidianamente no interior dos locais de produção e em momentos de grande efervescência social explode em revoluções. A luta operária é uma luta pela vida, pela existência, pela liberdade. Em seu conflito com as classes dominantes, os indivíduos identificam que não podem lutar sozinhos contra o capital. A organização surge então como um imperativo, ou seja, os trabalhadores não querem, mas precisam lutar em conjunto e de maneira organizada. São jogados pelo capital na luta coletiva. Após a criação de suas próprias organizações, eles passam a defendê-las com todas as energias de que dispõem. Marx relatou isto na sua *Miséria da Filosofia*, quando analisou a perplexidade dos economistas ao verem que os trabalhadores gastavam grande parte de seus salários para defenderem suas associações (coalizões), visto que os economistas consideravam que estas associações eram justamente para lutar por salários. O proletariado vê nestas organizações a sua capacidade de criar, de fazer, de agir independentemente e contra as classes exploradoras.

Mas as contradições, que geram a necessidade de organização do proletariado, não se limitam ao interior das fábricas, estendem-se para o conjunto da sociedade. Indivíduos que não são propriamente proletários se posicionam de um ou outro lado. Assim, surgem organizações que lutam em favor do proletariado sem serem propriamente proletários. Naturalmente que estas organizações contam muitas das vezes com a participação de operários mesmos e em momentos de ascensão da luta

operária, estas organizações tendem a aumentar e se fortalecer. O debate entre Gorter e Ruhle sobre a dupla organização ou organização unitária expressa como em momentos revolucionários pode se dar a relação entre *organizações revolucionárias* e *organizações revolucionárias do proletariado propriamente ditas* (Conselhos Operários).

Uma organização revolucionária é aquela que contribui para a auto-organização do proletariado. Qualquer organização ou coletivo que vá contra este princípio é essencialmente contrarrevolucionário. Desta maneira, os coletivos de indivíduos revolucionários devem atuar, de acordo com suas possibilidades, no sentido de contribuir com os trabalhadores para que estes, enquanto classe, construam a autogestão social. Tradicionalmente, três maneiras se apresentaram nesta relação: a) *vanguardista*; b) *reboquista* e c) *autogestionária*.

A *tendência vanguardista* é aquela que impede o proletariado de agir enquanto classe para si. As vanguardas historicamente construíram grandes barreiras ao desenrolar da revolução proletária. Exemplos na história não faltam: o golpe de estado dado pelos bolcheviques em outubro de 1917, a conduta dos partidos socialdemocratas e bolcheviques ao longo de toda a história do século 20, no qual estes não permitiam, ou não queriam permitir, que os trabalhadores agissem independentemente deles (a luta entre sindicatos e conselhos operários na Alemanha em 1918 a 1923, as greves selvagens na Itália e a luta contra os sindicatos na década de 1970 etc.). A vanguarda é aquela que visa manter o controle sobre os trabalhadores, alegando que são os revolucionários conscientes da classe. O sindicalismo, o leninismo e a social democracia são as ideologias que justificam estes pontos de vista.

A *tendência reboquista*, pelo contrário, vai a reboque das lutas dos trabalhadores. Se o que importa é moradia, lutemos por moradia, se o que importa é terra, lutemos por terra, se o que importa é aumento de salário, lutemos pelo aumento do salário. Ou como diz o Coletivo X na seção dois de sua carta de Princípios, se os trabalhadores considerarem: “*importante estar na burocracia para alcançar o comunismo - estaremos junto com a classe fazendo a crítica por dentro e junto com o movimento*”. Ou ainda, na seção sete, sobre abstencionismo, afirma:

Quando o capitalismo está em ascensão, por exemplo, o proletariado pode entender que a participação em um processo eleitoral pode estar indo no sentido de uma superação do capitalismo e devemos estar junto com a classe (Coletivo X).

Consideramos que este ponto de vista é reboquista, na medida em que fica nos limites das reivindicações permitidas pelo capitalismo. Apoiar um seguimento da classe que quer ir para o sindicato, é apoiar uma luta que é capitulada pelo capitalismo. Apoiar um seguimento da classe operária que acha conveniente participar do processo eleitoral, é apoiar a democracia burguesa e tudo o que ela implica. Apoiar a classe, quando esta caminha em direção ao abismo é um equívoco tão grave quanto querer dirigi-la ao modo das velhas vanguardas. O grupamento revolucionário deve ter a liberdade também de criticar os rumos que a classe trabalhadora trilha em sua luta. Como Marx disse, não devemos ter em conta somente o que um operário pensa de si mesmo ou mesmo o conjunto do proletariado pensa sobre si mesmo em determinado momento histórico, pois o que importa de fato é o *ser-de-classe* do proletariado e o que ele é destinado historicamente a fazer.

É aí que entra, em nossa concepção, uma terceira maneira de relação com a classe, a tendência *autogestionária*. De um ponto de vista autogestionário, o que o grupamento revolucionário deve fazer é contribuir, com todas as forças de que dispõe com o processo de autogestão das lutas dos trabalhadores e com o avanço da consciência autogestionária. Como diz Pannekoek em seu clássico *Os Conselhos Operários*, um dos papéis, e dos mais importantes dos grupos revolucionários, é expor os pontos de vista existentes sobre os problemas que acometem os trabalhadores e suas lutas, para que estes possam refletir, pensar e agir por si mesmos. Somente a autoatividade da classe permite a ela chegar a pontos de vista e ações cada vez mais radicais.

Mas [segundo Pannekoek]:

Fazer despertar esta consciência, tal é a principal missão da propaganda; propaganda produzida por indivíduos e pequenos grupos que chegaram a esta compreensão antes que os demais. Por difícil que possa ser no começo, dará seus frutos mais tarde, quando corresponder à experiência própria dos trabalhadores (Pannekoek, 1977, p. 234)⁵.

⁵ PANNEKOEK, Anton. *Los Consejos Obreros*. Madrid: Zero, 1977.

(...) Assim, não se trata de apoiar os trabalhadores quando considerarem que os sindicatos, os partidos, o parlamento etc. sejam o espaço da luta, pois de um ponto de vista revolucionário, sabemos que não são. Trata-se, pelo contrário, de expor o que são os sindicatos, para que servem os sindicatos e o que significa a luta dos sindicatos. Se parte da classe operária conscientemente decidir que em determinado momento histórico seja conveniente participar do processo eleitoral, não compete aos grupamentos revolucionários apoiar esta mistificação, mas sim expor o que significa agir desta maneira.

O que um grupamento revolucionário deve fazer, então, de acordo com a concepção de Karl Jensen⁶, a qual compartilhamos, é contribuir, para que, no processo de luta, os trabalhadores avancem das lutas *espontâneas e autônomas* para as lutas *autogestionárias*. Assim, o coletivo estará contribuindo decisivamente para o processo revolucionário.

Movaut

Goiânia, 08 de março de 2009.

⁶ JENSEN, K. *A Luta Operária e os Limites do Autonomismo*. Revista Ruptura. Ano 8, número 7, agosto de 2001. Goiânia, Movimento Autogestionário, 2001.